

# COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral  
Propriedade da

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA**

*www.comunhaolisboa.com*

**ANO 27**

**Nº 172**

**MAIO - JUNHO**

**2010**

Propriedade, Administração,  
Redacção, Composição e  
Impressão :

Calçada do Tojal, 95, s/c  
1500-592 Lisboa  
Telefone : 217 647 441

\*

Director Responsável :  
Manuela Vasconcelos

\*

Tiragem : 150 exemplares  
Distribuição Gratuita

\*

Registo nº.211720  
Depósito Legal Nº. 13972

Índice

Página

<b>Editorial</b>	<b>2</b>
<b>Palavras de Kardec</b>	<b>6</b>
<b>Ame o seu próximo como a si...</b>	<b>10</b>
<b>Meu nome é Mulher!</b>	<b>15</b>
<b>Uma Alma Nobre na Penumbra</b>	<b>16</b>
<b>Escola de Pais, precisa-se!</b>	<b>20</b>
<b>A Batalha dos Lobos</b>	<b>23</b>
<b>A minha Mãe</b>	<b>25</b>
<b>Páginas do Passado</b>	<b>26</b>
<b>Pare! Escute! Olhe!</b>	<b>33</b>
<b>A Queda do Espírito</b>	<b>36</b>

\*

# EDITORIAL

Não podemos deixar de iniciar este número da nossa Revista com a referência do que foi o SEMINÁRIO acontecido no dia 21 de Março, homenageando os 100 anos de CHICO XAVIER e não podemos deixar de o fazer porquanto para nós, espíritas, ele terá sido o momento mais importante realizado pelo Movimento Espírita Português – União dos Centros Espíritas da Região de Lisboa, no ano de 2010. É certo que o ano ainda vai agora no seu primeiro semestre, mas sabemos avaliar o valor e importância de cada acontecimento.

Realizado no Auditório da Faculdade de Medicina Dentária da Cidade Universitária de Lisboa, iniciado às 10 horas, ele focou, ao longo do dia e referido por outros tantos oradores, não só a mediunidade e dedicação do homenageado, como o seu comportamento como ser, simples e humilde, numa conduta que soube manter e cultivar ao longo de toda a sua existência reencarnatória. Referindo-se o princípio da sua mediunidade e destacando-a nas diversas palestras apresentadas, Chico foi recordado como psicógrafo e foram lembrados não só os livros recebidos ao longo da sua tarefa mediúnica como as Entidades espirituais que os ditaram e escreveram através da mão do querido médium. Foi, assim, lembrada toda a obra de André Luis, depois do acompanhamento, orientação e livros ditados pelo Espírito Emmanuel, e todos os outros Espíritos amigos que escreveram através dele.

O médium, com as suas mensagens consoladoras, recebidas daqueles que partiram mas continuavam a ser lembrados e a quererem confortar os seus familiares encarnados, esteve ainda presente não só em função de imagens que foram sendo

projectadas como pela leitura de algumas dessas mesmas mensagens.

Iniciado com a leitura em off, de um texto assinado por Carmo Almeida, da “Fraternidade Espírita Cristã”, que transcrevemos mais à frente, todo o Seminário foi enriquecido com excertos de entrevistas e imagens que foram sendo projectadas, não só recordando o programa brasileiro “Pinga-Fogo”, com imagens outras do próprio médium, o incêndio do “Joelma” com cenas da peça teatral sobre o mesmo ou, ainda, com as afirmativas de pessoas que o conheceram e ali davam o seu testemunho. Ouvimos, assim, o viúvo da Irmã que todos conhecemos pelo nome de Meimei, falando do seu primeiro encontro com Francisco Cândido Xavier e da maneira como, a pouco e pouco se foi deixando ‘atrair’ pela sua maneira de ser e de como, depois, se tornou espírita. Os testemunhos foram vários e muito haveria a dizer sobre a maneira como, em todos eles, nós encontramos o amor das pessoas pelo médium ‘presente’, enquanto escutávamos referências ao amor diferente que ele vivia por todos os que de si se aproximavam.

No nosso site, está já referido mais pormenorizadamente este acontecimento, acompanhado de algumas fotos; poderão, ainda, ver toda a reportagem fotográfica do mesmo, clicando no destaque ‘União’, que sempre referimos no nosso mesmo site.

Analisada, à distância de algumas semanas a realização e homenagem acontecida, reconhecemos que ela não terá ficado à quem de muitas outras que, com certeza, irão sendo realizadas ao longo do ano; por outro lado, fica-nos, também, a certeza de que o Movimento Espírita Português, pelos seus intervenientes e suas realizações, pode ombrear com qualquer outra realização espírita do mesmo jaez, dada – não só – a preparação que os espíritas

portugueses já têm, como o próprio desejo de procurarem fazer sempre mais e melhor.

\*

Dias mais tarde, aconteceu um outro seminário, também de homenagem a Chico Xavier, organizado pelo “Centro Espírita Batuira” e com a participação de oradores brasileiros. Apesar do convite que recebemos para assistirmos ao mesmo, e que agradecemos, tal não nos foi possível devido aos trabalhos que, à mesma hora, se realizavam na nossa Casa...

\*

E, recuando um bocadinho nas semanas, não podemos deixar de assinalar o “Dia Mundial da Mulher”, ocorrido, também, em Março, e que trazemos até nós numa poesia que descreve bem a Mulher dos dias de hoje e que recebemos, via internet. Pensamos que todos os nossos leitores a vão apreciar.

\*

No próximo dia 20 de Junho, a nossa Casa festejará mais um aniversário – o 29º - para o qual estamos já a organizar alguns acontecimentos que referiremos no nosso próximo número.

Outras realizações começam a estar programadas, como a do encerramento anual do ENJE da União dos Centros Espíritas de Lisboa, e durante a qual vários quadros artísticos sempre acontecem.

E, para Setembro, começa-se já a programar mais um Seminário, com Carlos Baccelli, que para o efeito se deslocará à nossa cidade; realizar-se-à, também, no auditório da Faculdade de Medicina Dentária, local que já nos vamos habituando a frequentar de cada vez que se realiza um acontecimento espírita: é que, não só pela sua localização, como, ainda, pelo próprio ambiente e espaço do mesmo, todos nos sentimos ali bem.

\*

Este EDITORIAL, falando de acontecimentos passados e futuros, acaba por ser completamente diferente dos anteriores, mas porque um EDITORIAL é sempre importante, todos os acontecimentos aqui apontados o foram também.

Esperamos que assim o compreendam os nossos leitores, não estranhando o texto diferente ora apresentado.

Informamos, ainda, que o SUPLEMENTO deste número é a transcrição da palestra sobre KARDEC e O LIVRO DOS ESPÍRITOS, apresentada pela nossa colaboradora Henriqueta Maria Mendonça, e acontecida no dia 24 de Abril – mês do aniversário de mais uma edição daquela OBRA que foi, é e continuará a ser um marco dentro da Doutrina Espírita. Esta palestra está dentro do programa daquelas outras, mensais, criada este ano na nossa Casa, e no qual cada orador poderá falar por tempo indeterminado, mas nunca inferior a uma hora.

*A DIRECÇÃO*

# PALAVRAS DE KARDEC

## ESTUDO DA NATUREZA DE CRISTO

### VI – OPINIÃO DOS APÓSTOLOS

(continuação do capítulo III)

“Este é aquele Moisés que disse aos filhos de Israel: Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um **profeta como eu**; a ele ouvireis...

“Porém o Excelso não habita em leituras de mãos, como diz o Profeta:

“O céu é o meu trono, e a terra o estrado de meus pés. Que casa me edificareis vós, diz o Senhor? Ou qual é o lugar do meu repouso? (ATOS DOS APÓSTOLOS, VII, 38, 48, 49 – Discurso de Estevão).

“Mas como ele estava cheio do Espírito Santo, olhando para o céu, viu a glória de Deus, e **a Jesus que estava em pé à dextra de Deus**; e disse: Eis estou vendo os céus abertos, e o **Filho do Homem** que está de pé **à direita de Deus**.

Então eles, levantando uma grande gritaria, tamparam os seus ouvidos, e todos juntos arremeteram a ele com fúria.

E tendo-o lançado para fóra da cidade, o apedrejavam; e as testemunhas depuseram os seus vestidos aos pés de um moço que se chamava Saulo.

E apedrejavam a Estevão, que invocava a Jesus, e dizia: Senhor Jesus, **recebei o meu Espírito.**” (ATOS DOS APÓSTOLOS, VII, 55 a 58 – Martírio de Estevão).

Estas citações testemunham claramente qual o carácter que os Apóstolos atribuíram a Jesus. A ideia essencial, que delas ressalta,

é a da subordinação a Deus, da constante supremacia de Deus, sem que coisa alguma revele **pensamento de semelhança** entre os dois, **quanto à natureza e poder**. Para eles, Jesus era **um homem profeta**, escolhido e abençoado por Deus.

Não foi entre os Apóstolos que nasceu a crença na divindade de Jesus. S. Paulo, que não o tinha conhecido, mas que, de ardente perseguidor, se tornou o mais zeloso e eloquente defensor da noiva lei, S. Paulo, cujos escritos prepararam os primeiros formulários da religião cristã, não é menos explícito a este respeito; exprime sempre o pensamento de dois seres distintos e a supremacia do Pai sobre o Filho.

“Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado Apóstolo, escolhido para o Evangelho de Deus.

O qual Evangelho tinha ele antes prometido pelos seus profetas nas Escrituras.

**Sobre seu Filho, Jesus Cristo, Senhor nosso, que lhe foi feito na linhagem de Davi, segundo a carne;**

Que foi predestinado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santificação, pela ressurreição dentre os mortos;

Pelo qual havemos recebido a graça e o apostolado, para que se obedeça à fé em todas as gentes, pelo seu nome;

Entre os quais vós sois chamados de Jesus Cristo; a todos que estão em Soma, queridos de Deus, chamados santos; graças vos seja dada e paz da parte de **Deus, nosso Pai**, e da de **Jesus Cristo, nosso Senhor**”. (EPÍSTOLA AOS ROMANOS, I, 1 a 7).

“Justificados, pois, pela fé, tenhamos paz com **Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo...**

A que fim, pois, quando nós ainda estávamos enfermos, **morreu Cristo a seu tempo por uns ímpios...**

Morreu Cristo por nós; pois muito mais agora que somos justificados pelo sangue, seremos salvos pela ira por ele mesmo...

E não só fomos reconciliados, mas também nos gloriamos em **Deus por nosso Senhor Jesus Cristo**, por quem agora temos recebido a reconciliação...

Mas não é assim o dom como o pecado; porque se pelo pecado de um morreram muitos, muitos mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem que é Jesus Cristo, abundou sobre muitos.” (EPÍSTOLA AOS ROMANOS, VIII, 17).

“Porque se confessardes com a tua boca ao Senhor Jesus, creres em teu coração que **Deus ressuscitou dentre os mortos**, serás salvo.” (EPÍSTOLA AOS ROMANOS, X, 9).

“Depois será o fim quando **tiver entregado o reino a Deus e ao Pai**, quando houver destruído todo o principado, e poder, e virtude.

Porque é necessário que ele reine até que ponha todos os seus inimigos debaixo de seus pés.

Ora o último inimigo destruído será a morte!, porque todas as coisas sujeitou debaixo dos pés dele. E quando diz: Tudo está sujeito a Ele, exceptua-se, sem dúvida, **aquele que lhe sujeitou a ele todas as coisas**.

E quando tudo lhe estiver sujeito, então ainda o mesmo **Filho estará sujeito àqueles que sujeitou a ele** todas as coisas, para que Deus seja tudo em todos.” (I – EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS, XV, 24 a 28).

“Mas aquele Jesus, que por um pouco foi feito menor que os anjos, nós o vemos pela paixão da morte coroado de glória e de honra, para que pela graça de Deus provasse a morte por todos.



“Porque convinha que aquele, para quem são todas as coisas, e por quem todas existem, havendo de levar muitos filhos à glória, consumasse pela paixão ao autor da salvação deles.

Porque o que santifica e os que são santificados, todos **vêm dum mesmo princípio**. Por esta causa não tem rubor de lhes chamar **irmãos**, dizendo:

Anunciarei o teu nome a meus irmãos; louvar-te-ei no meio da Igreja.

E outra vez: Eu confiarei nele. E noutra lugar: Eis aqui estou eu, e os **meus filhos que Deus me deu...**

Por onde foi conveniente que ele se fizesse em tudo semelhante a seus irmãos, para vir a ser **diante de Deus** umntífice compassivo e fiel no seu ministério, a fim de expiar os pecados do povo.

Porque à vista de tudo quanto ele padeceu, e em que foi tentado, é poderoso para ajudar também aqueles que são tentados.” (EPÍSTOLA AOS HEBREUS, II, 9 a 13, 17 e 18).

Pelo que, santos irmãos, que sois participantes da vocação celestial, considerai ao **apóstolo e pontífice** da nossa confissão, Jesus.

O qual é **fiel ao que o constituiu**, assim como também Moisés o era em toda a sua casa.

Porque este é **tido por digno** de tanto maior glória que Moisés, quando o que edificou a casa tem maior honra que a mesma casa.

Porque toda a casa é edificada por alguém; mas o que **criou todas as coisas** é Deus.” (EPÍSTOLA AOS HEBREUS, III, 1 a 4).

*(Continua no próximo número)*

(In: OBRAS PÓSTUMAS, ed. Lake, 1ª Parte).

# AME SEU PRÓXIMO COMO A SI MESMO...

Cristo, em sua grande sabedoria, ensinava que a única forma de nos redirmos de nossos pecados é: “amando o próximo como a si mesmo”. Mas como é que este conceito, que nos parece tão arcaico nos dias de hoje, nos pode ser útil e nortear nossas acções?

A Bíblia, no ‘Levítico’, ensina que os judeus enquanto vagavam no deserto à procura da Terra Prometida, se comunicavam directamente com o Criador. Essa comunicação divina orientava-os de forma a que eles pudessem expiar seus pecados e purificarem-se para merecerem essa Terra Prometida. As descrições dos pecados e decorrentes sacrifícios impostos por Deus estão na Bíblia, e estes eram, muitas vezes, simplesmente sacrifícios de animais, ou seja, sacrifícios da carne, dos prazeres. Mas será que tudo é tão simples assim? Fazemos um pecado, pagamos o devido sacrifício e, vupt, tudo é cancelado?

Eu, particularmente, não gosto da noção de “pecado” e preferiria a palavra “erro”. São os nossos erros que devem ser corrigidos, para que possamos desfrutar da Terra Prometida. Ou seja, devemos tentar errar menos para seguir os ensinamentos do Cristo.

Creio, porém, que devemos observar essas palavras do Cristo, que são as mesmas de todos os outros mestres da Era de Paixes, interpretando-as de outra forma. A mensagem é sempre a mesma: *Ame seu próximo como a si mesmo*. Mas se seguirmos esse ensinamento ao pé da letra, então, estaríamos distribuindo amor e

passaríamos o nosso tempo ajudando os outros, talvez, em detrimento de nós mesmos. Quando falei em “vampirização”, estava me referindo também a esse tipo de doação que fazemos, e fazemos repetidamente, até nos esvaziarmos por completo. E quando estamos vazios, acabamos queixando-nos de que “o outro” não nos agradeceu devidamente e nem nos deu o devido valor. Na realidade, nós é que devemos valorizar nossos actos.

Na essência, creio que o ensinamento que devemos retirar das sábias palavras é mais profundo e não trata somente da doação material, mas trata também da doação espiritual. Sabemos que são as nossas acções que determinam as reacções futuras do universo. É a “Lei de Causa e Efeito”. Assim, se geramos amor recebemos amor, se geramos ódio, recebemos ódio. Mas nem sempre as coisas são tão simples assim! Então, se o mundo inteiro gerasse amor universal, se as pessoas cuidassem umas das outras, o mundo seria uma maravilha, e nós não precisaríamos cuidar de nossa vida própria, pois haveria outros para fazer isso! Bela utopia, não é mesmo? É claro que as comunidades espíritas acabam fazendo isso melhor. E como o Espiritismo, existem milhares de exemplos no mundo inteiro. Essa doação, realmente, pode fazer a diferença e tornar o mundo melhor.

Na era moderna, e especialmente no mundo materialista em que vivemos, adaptar o sonho de “amar o próximo como a si mesmo”, dizia Chico Xavier não existir melhor forma de tornar nossa realidade muito melhor. No âmbito familiar, podemos doar-nos, fazer sacrifícios, e os fazemos a maioria das vezes, de bom grado. Mas, como fazer isso com nosso próximo? Para fazer isso devemos, primeiramente, amar a nós mesmos, não de maneira egoísta mas realista. Amar a si mesmo quer dizer aceitar nossas limitações e também saber reconhecer nossos talentos. Amar a si mesmo quer dizer valorizar e amar cada porção de nós mesmos,

seja no físico como no emocional e no espiritual. Amar a si mesmo quer dizer aceitar que somos feitos de uma determinada maneira e que, principalmente, somos dignos de amor, que merecemos ser amados da maneira que somos, pois Deus nos ama assim, incondicionalmente. Porém, se nós amássemos os outros como amamos a nós mesmos isso talvez não funcionasse tão bem. Vocês já tentaram amar incondicionalmente alguém? E qual foi a sensação? Normalmente, fazemos uma grande confusão entre o Amor com A maiúscula e o amor, simplesmente. O Amor com A maiúscula não é o amor do Ego, mas é o amor do “Eu Interior”. O “Amor do Eu Interior é o Amor Incondicional”. Assim, devemos sintonizar-nos com o eu de outra pessoa, que é na essência o nosso próprio eu, e assim poderemos “Amar da forma como o Cristo nos ensinou”. O “amor do ego é um amor egoísta”, a própria palavra nos indica isso.

Com esse tipo de amor exigimos do outro aquilo que nem mesmo sabemos dar! E quando fazemos isso tornamo-nos egoístas e manipuladores, e muitas vezes entramos numa roda viva de sentimentos confusos, de possessividade, de controle e até de autopiedade, especialmente se a outra pessoa não nos agradece como gostaríamos ou esperaríamos. A mentalidade de vítima nos faz dizer: “Eu dou tanto e não recebo nada em troca. É esse sentimento que devemos retirar de nosso coração”. “Esse não é Amor”.

Vamos, então, começar a avaliar a nossa capacidade de amar. Será que amamos somente aqueles que nos amam? Será que, primeiro, fazemos uma avaliação de quem está merecendo o nosso amor e, depois, amamos? Será que fazemos uma conta de somar e, a cada vez que damos algo, esperamos algo em troca?

Talvez, na base de tudo esteja somente a nossa capacidade de nos amar, realmente, como somos. Já que Deus nos ama como somos, pois foi assim que Ele nos criou, a primeira análise que devemos fazer é esta. Se você se aceitar e se amar, saberá também que, da mesma forma, a essência divina móra no outro ser, aquele que você deve amar. Com suas imperfeições, com suas fraquezas, e com seus dons e virtudes, também! No exercício do perdão, existe uma grande sabedoria: saiba perdoar ao outro porque você estará perdando a si próprio. Dessa forma, dará lugar ao Amor e, através dele, a Luz se manifestará.

Procure não proferir nenhuma palavra de ódio essa semana, procure não julgar os erros das outras pessoas, e procure, especialmente, não fazer uma conta de somar em seus actos de amor. Doe, assim, de forma incondicional. Dessa forma estará produzindo mudanças em sua vida, mudanças energéticas que poderão mudar a direcção de sua vida. Quando um Eclipse solar acontece, o Cosmo indica-nos que devemos fazer uma avaliação da forma como encaramos a vida.

Podemos, então, mudar, porque somos criadores e tudo o que criamos pode ser mudado, se assim o desejarmos. Podemos mudar o ódio em amor, podemos mudar a raiva em compaixão, podemos mudar o sentimento de vingança em perdão. E poderemos, então, amar o próximo como a nós mesmos.

**CARLOS ALBERTO CASTELÃO**  
(Vila Velha – Espírito Santo – Br.)

NOTA: CARLOS ALBERTO CASTELÃO ALMEIDA RIBEIRO é português, espírita, e reside há longos anos no Brasil. Colaborador do “Grupo Fraternidade Espírita Jerónimo Ribeiro”, sito na R. Henrique Laranja, nº 52, é um daqueles irmãos com

quem lidamos sem conhecer, mas que tem a nossa amizade e carinho, sentido-nos felizes por o trazermos, hoje, ao conhecimento dos nossos leitores e amigos.

\*

*Embora ninguém possa voltar atrás e  
fazer um novo começo,  
qualquer um pode começar agora  
e fazer um novo fim!*

(FRANCISCO C. XAVIER)

\*

# MEU NOME É MULHER!

Eu era a Eva  
Criada para a felicidade de Adão;  
Mais tarde fui Maria,  
Dando à luz aquele  
Que traria a salvação,  
Mas isso não bastaria  
Para eu encontrar perdão.  
Passei a ser Amélia,  
A mulher de verdade  
Para a sociedade.  
Não tinha a menor vaidade  
Mas sonhava com a igualdade.  
Muito tempo depois decidi:  
- Não dá mais!  
Quero a minha dignidade,  
Tenho os meus ideais!  
Hoje não sou só esposa ou filha,  
Sou pai, mãe, arrimo de família,  
Sou camionista, taxista,  
Piloto de avião, mulher polícia,  
Operária, em construção...  
Ao mundo peço licença  
Para actuar onde quiser:  
Meu sobrenome é **COMPETÊNCIA**,  
E meu nome é **MULHER!**

*(AUTORA DESCONHECIDA)*

(Poesia recebida via INTERNET em 10/3/2010).

# FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER,

## *Uma Alma Nobre na Penumbra*

(Primeiro Centenário do seu Nascimento)

Poucos terão sido os adjectivos não utilizados para defini-lo.

Poucas terão sido as palavras pejorativas nunca pronunciadas para atacá-lo.

Mas as noites frias e estreladas sempre estiveram de vigília para acompanhá-lo nos seus trabalhos e nas suas preces.

Muitos o idolatraram e veneraram, sem contudo o entenderem.

Muitos o buscaram, ansiosos apenas pela satisfação dos seus interesses.

Mas as horas acompanharam-no em silêncio, na cadência dos segundos, seguindo o movimento das suas mãos que escreviam, juntando nas folhas brancas o conhecimento, o alento e a paz.

Muitas tormentas se apaziguaram ao toque das suas mãos e muitas lágrimas estancaram ao som da sua voz que, trémula, a todos chamava “filho”.

Corações em tumulto exigiram dele mais do que deveriam. Mas o seu permanecia ao serviço de todos, batendo ao compasso de uma canção que transmitia a alegria simples dos que servem sem esperar retribuição.



Portador da dor dos mil espinhos que a incompreensão e a ignorância foram cravando no seu peito, gerou em si mesmo, por amor e compaixão pelas dores alheias, o aroma impoluto dos roseirais plantados para abrigo dos sonhos espalhados pelo universo.

*“Eu me sinto feliz de ser obstinadamente médium... Eu gosto de ser médium, gosto dessa palavra... Quero morrer médium... É tudo o que eu sempre quis ser...”* – FCX

Francisco Cândido Xavier, homem e médium, servidor de um serviço sem igual, de uma causa única porque feita da doação plena, de irrestritas condições...

Menino a quem a vida cedo esbofeteou, por quem a juventude passou na voragem das exigências que lhe foram feitas, que tudo respeitou, que a tudo obedeceu, em contraste com outras atitudes aceites no mundo sem contestação.

O seu sorriso foi-se alargando num rosto macerado pelas exigências dolorosas de todos os dias. Mas sem amargura, sem vinculos de azedume, sem os trejeitos nervosos daqueles que se aniquilam interiormente ao contacto com as suas provações.

*“O Espírita chora escondido. Depois, lava o rosto e vai atender a multidão sorrindo.”* – FCX

Francisco Cândido Xavier, homem e médium, servo do mundo em qualquer dimensão, sábio das almas em conflito, cientista das pesquisas do bem, orador dos discursos da paz.

Francisco ou, simplesmente Chico, assim ficou na memória dos que o procuraram, dos que o aceitaram e dos que o repudiaram quando as suas expectativas ou ambições não se consolidaram.

*“O telefone só toca de lá para cá”* – insistia perante os que dele exigiam provas sem se preocuparem em aceitar os acotecimentos e o momento certo para o florescimento das benções.

Francisco Cândido Xavier, muito amado e muito incompreendido na grandeza da sua missão, vivida na penumbra, fora dos ambientes feéricos onde a vida segue em turbilhão.

Lá longe, rodeado pela simplicidade básica da existência material, arredado da elegância e da sofisticação que o brilho do mundo constrói mas é vazio, a sua alma, a cada desafio, a cada provocação, foi ficando mais nobre, mais alta, mais vertical enquanto o corpo vergava, de mansinho, ao peso dos anos e das dificuldades.

Mas é para os Espíritas, para os que estudam a Doutrina de Allan Kardec, para os que fundam e dirigem Centros Espíritas, para os que neles trabalham, querendo servir Jesus, que a missão de Francisco ou, simplesmente, Chico Xavier, adquire maior importância.

Nesta existência fomos seus contemporâneos, temos vivido ao seu lado, debaixo do mesmo sol e embora separados por um oceano de diferenças várias, estivemos reencarnados ao mesmo tempo que ele como, talvez há dois mil anos, estivemos na Terra, também contemporâneos desse Jesus que não permitimos tocasse as fibras do nosso coração.

Agora, que regressou a um mundo feliz do Espaço, ecoa em nós a sua biografia repleta de renúncia pessoal para total entrega a todos nós. Pela obra do exemplo de constante obediência, de abnegação, de compaixão; pela espantosa obra do livro e consequente divulgação do conhecimento; pela obra psicográfica das mensagens consoladoras dos que tendo partido, tocaram ainda uma vez os corações amados; pela obra de solidariedade recuperada dos primeiros tempos apostólicos... tudo na sua vida é exemplo a seguir por aqueles que se querem afirmar como Espíritas e cujos joelhos por vezes, ainda dobram, fracos.

Mas... com Francisco Cândido Xavier, podemos recuperar o tempo perdido e as forças gastas, porque... a mão de Chico estende-se pelo Espaço, ultrapassando todas as fronteiras, para segurar a nossa mão. Só uma delas. Porque a outra, conserva-se entrelaçada entre os dedos de Jesus!

### *CARMO ALMEIDA*

(Colaboradora do Centro FRATERNIDADE ESPIRITA CRISTÃ, na R. Da Saudade n.º. 8, 1.º - Lisboa : Texto de abertura do Seminário de homenagem a Francisco Cândido Xavier, em 21/3/10).

\*

# ESCOLA DE PAIS, PRECISA-SE!

Os pais da geração anterior à actual, como os desta geração, caíram uns e outros num mesmo erro que tem tido as suas consequências desastrosas, não só na maneira como os filhos acabaram por ser educados como na educação que estão a receber as actuais crianças. A preocupação de darem aos seus descendentes aquilo que, quando pequenos desejaram e não puderam ter, face às dificuldades que os seus ancestrais viveram e lhes deram a viver, essa preocupação fez com que acabassem por dar mais do que deviam aos seus descendentes e não o fazendo, talvez e muitas vezes, no momento oportuno.

A propósito, lembro-me de há uns anos atrás, falando com um pequenote de mais ou menos oito anos, na época natalícia, lhe termos perguntado o que pedira ele de presente no sapatinho: um livro, um jogo?... Isso, respondeu a criança, menos ‘escandalizada com a minha pergunta que eu com a sua resposta’, isso tenho eu todo o ano! Isso não é nada! Vou ter um computador ou, então, uma consola!!!

Talvez por este motivo, nas grandes superfícies aquisitivas, nas semanas que antecedem o Natal, observam-se os papás a adquirirem os presentes para os filhos e netos, e eles enchem sempre os carros das compras: o necessário, aquilo que realmente fará falta depois, isso... ver-se-à no momento oportuno! O que é preciso é satisfazer o desejo e o egoísmo que se começou, de pequeninos, a fomentar naquelas crianças!

Hoje, é raro o pai que utiliza a negativa “não” com a firmeza necessária a que as crianças compreendam que a resposta já foi dada e não vão obter outra; pelo contrário, na maneira como esse ‘não’ é proferido eles, os mais jovens sabem – porque aprenderam a ‘conhecer’ a fraqueza dos mais velhos – que se insistirem, chorarem, gritarem, espernearem até, aquele ‘não’ que primeiro ouviram acabará por se transformar num ‘sim, porque os pais não querem ser incomodados com as contrariedades infantis, por um lado, e, por outro, é-lhes muito mais agradável verem as crianças bem dispostas que mal humoradas!

E esta situação já se arrasta há algum tempo (anos), com as suas consequências nefastas, que se observa no ‘jogo’ que os mais novos fazem com os mais velhos, intrigando e deturpando a narrativa do comportamento escolar e levando os pais, errada e erroneamente, a procurarem as escolas e a pedirem satisfações aos professores das atitudes havidas com os seus filhinhos! Daqui à violência dos mais novos, ao desrespeito verificado, foi um passo: os alunos deixaram de ver as escolas como a continuação dos lares onde os professores procuravam dar-lhes a continuidade e ou/a educação que, muitas vezes, não encontravam em casa!

Analisando o comportamento dos jovens da actual geração, temos forçosamente de perguntar: que educação, que preparação para o futuro se está a dar às nossas crianças, aos nossos filhos? Se observamos pais que afirmam que os filhos, na escola, não aprendem nada, há que perguntar a esses mesmos pais que espécie de relação eles, os mais velhos, os educadores, têm com as escolas e os seus representantes? A violência de hoje, que se observa nos estabelecimentos de ensino entre os alunos e alguns alunos e professores, se bem analisada, nunca aconteceu no ONTEM mais ou menos distante, quando os pais queriam mestres que fossem educadores, que dessem, muitas das vezes, aos seus filhos a

educação que eles, pais, não estavam preparados para lhes conceder.

Assim, apetece-nos escrever para o órgão máximo que nos gere – a Assembleia da República – e propôr que fossem criadas escolas novas, para a educação dos pais : onde estes aprendessem a orientar os filhos numa sã moral; onde lhes dessem menos dinheiro e mais responsabilidades; onde os fizessem compreender que os pais não são eternos e, Amanhã, não os terão mais para resolverem os problemas por eles criados com as suas atitudes erradas; onde a má nota escolar, a repreensão do professor, o trabalho para casa ou o castigo não signifiquem perseguição mas educação, pois sem estudo não pode haver conhecimento! Onde, comprar a autoridade significa um passo mais na criação de um novo criminoso e não o tapar de olhos e proteger um jovem cujo crime foi, apenas, beber um pouco mais do que a conta... onde a bebida, o jogo, os excessos de toda a ordem são o princípio do fim de qualquer ser que queira ser digno e viver de cabeça erguida... onde as idas às boîtes com o regresso a casa de manhãzinha significa, a maioria das vezes, desconhecimento do que cada um é capaz de fazer e até onde é capaz de ir, apenas para não ficar mal visto pelos seus companheiros acompanhantes!

Criem-se escolas onde os pais reaprendam a educação que receberam de seus pais e avós; onde o ‘não’ proferido não é dito para contrariar, ou por que se está mal disposto, mas significa o não se concordar com o erro para o qual o mais novo pede convivência... Onde o lar seja a primeira escola para todos, para que amanhã todos sejam adultos dignos e não seres que apenas as autoridades conseguem dominar... Criem-se escolas onde pais e filhos aprendam que a Vida é uma dádiva e, como tal,deverá ser sempre preservada respeitando-se a dos outros e aprendendo-se, igualmente, o respeito de uns para com os outros... Criem-se

escolas onde se volte a pôr em prática a vivência sã do amor de uns pelos outros... onde o pai não compre o filho com chantagens emocionais... e onde o filho não aprenda mais, com o pai, a mentira que ele pensa lhe abrirá as portas para um futuro que erradamente julga digno!

Criem-se escolas para os pais... para que o futuro seja ridente para os filhos de Hoje, de Ontem... de Amanhã!

*MANUELA VASCONCELOS*



## **A BATALHA DOS LOBOS**

Uma noite, um velho índio falou ao seu neto sobre o combate que acontece dentro das pessoas.

Ele disse: - A batalha é entre os dois lobos que vivem dentro de todos nós. Um é mau – é a raiva, a inveja, o ciúme, a tristeza, o desgosto, a cobiça, a arrogância... a pena de si mesmo, a culpa, o ressentimento, a inferioridade, o orgulho falso, a superioridade e o ego. O outro é bom – é a alegria, a fraternidade, a paz, a esperança, a serenidade, a humildade, a bondade, a benevolência, a empatia, a generosidade, a verdade, a compaixão e a fé.

O neto pensou nessa luta e perguntou ao avô: - Que lobo é que vence?

O velho índio respondeu: - Aquele que você alimenta!

Este conto, recebido via internet, sem que se lhe conheça o autor, faz-nos pensar na maneira de ser de cada um de nós, e de como nos deixamos ‘governar’, quando não ‘escravizar’, pelos sentimentos menos próprios que nos dominam; queremos ser melhores que os outros; queremos ser considerados; queremos ser apontados como sendo os bons; queremos destacar-nos entre todos os que nos rodeiam... mas deixamos, a mais das vezes, que aqueles sentimentos, que já deveríamos ter eliminado de nós, nos dominem ainda: eles são o nosso inimigo número um, aqueles que coabitam connosco antes de qualquer outro ser, aqueles que nos provocam as situações mais críticas e fazem com que os outros seres nos apontem como fazendo parte dos inimigos que não convem acalentar nem apadrinhar!

A Doutrina dos Espíritos faz-nos compreender que somos todos Espíritos milenares... mas de reencarnação em reencarnação continuamos a perder-nos, face a sentimentos menos sãos, perdendo a oportunidade de, nessas mesmas reencarnações, melhorar-nos sempre um pouco mais com vista à pureza para que o Senhor nos criou. Queremo-nos perfeitos, mas abafamos dentro de nós o grito de liberdade que o nosso EU, cansado da luta secular que vimos combatendo, intenta soltar e continuamos caminhando, rumo ao Amanhã, perdendo a oportunidade de vencermos a fera que nos domina... Até quando?

Com a Terra a transformar-se em planeta de regeneração, ser-nos-à permitido continuarmos aqui a reencarnar com todos os defeitos-sentimentos que nos dominam ainda? E por quanto mais tempo assim sucederá?



Lutemos, para vencer essa luta que não nos tem dado tréguas se, realmente, queremos conquistar o bem estar espiritual, criador da nossa paz e equilíbrio. Afinal, não foi para atingirmos essa meta que o Senhor nos criou? Para quê, então, continuarmos a adiar o que, forçosamente, será nosso um dia?

*BRANCA MARIA*

\*

## **A MINHA MÃE**

Tu, minha Mãe, que me deste a vida,  
Tu, que me geraste e viste nascer,  
Soubeste amparar o meu dia a dia,  
Soubeste amparar e ver-me crescer!

No decorrer dos anos a tua companhia  
Foi guia e farol do meu pobre ser...  
Depois, eu parti... um sonho seguia,  
Um sonho vivia... e via morrer!

Mas a Vida que sem forças tu me deste  
Não foi a vida feliz que me quiseste  
Sem nenhum sofrimento ou amargor...

A vida que eu tenho é bem diferente,  
E se feliz eu sou p'ra toda a gente  
Choro em segredo meu sonho de amor!

*MANUELA VASCONCELOS*

Lembrando o dia das Mães... que é todos os dias!

# PÁGINAS DO PASSADO

## Revivendo o caminho percorrido

No momento solene em que se acha praticamente quase concluída a sede da Federação Espírita Portuguesa – a mais legítima aspiração de todos os espíritas portugueses – eu sinto a alegria imensa de ver materializado o sonho visionado pelo meu espírito em curtos instantes de inspiração, numa época em que parecia a todos impossível, no primeiro ano de existência da F.E.P. a realização de tão gigantesco empreendimento.

E evocando as recordações longínquas dessa época de luta, vejo ainda o sr. Dr. António Freire sentado à sua secretária, inteiramente absorvido pela organização da F.E.P. e pela volumosíssima correspondência que ela determinava, pondo completamente de parte os seus interesses profissionais, rodeado apenas por alguns confrades de boa vontade que consagravam o tempo que lhes sobrava das suas ocupações em cooperar com ele na obra ideal que todos desejavam ver realizada, mas a que poucos davam o seu concurso efectivo.

E, a par da organização nascente, as conferências sucediam-se intensivas, interessantes e abrindo novos horizontes aos espíritas sedentos de luz e de verdade que frequentavam a sede da F.E.P., já então instalada, depois de estenuantes trabalhos, na R. Da Assunção, n.º. 58, 4.º..

Era ainda o sr. Dr. António Freire quem se ocupava principalmente dessa propaganda intensiva, em que era auxiliado principalmente pela Sra. D. Maria O'Neill e Dr. António Lobo

Vilela, valiosos elementos a quem a F.E.P. muito deve. Este entusiasmo era comunicativo e com o meu ingresso na Direcção, como Secretário geral da F.E.P., eu senti dentro em pouco o dever de prestar todo o meu pequeno e desvalioso concurso a essa obra grandiosa, criada e patrocinada por tão dedicados obreiros do Ideal. Ela merecia realmente de todos os espíritas de boa vontade a mais dedicada colaboração.

E assim, integrado no movimento associativo, tive ocasião de acompanhar, embora pairando sempre baixo, os vãos das águias que haveriam de conduzir o Espiritismo em Portugal aos seus gloriosos destinos.

Foi nesse momento que a inspiração dos Guias, aproveitando apenas a sinceridade da minha actuação, visto que outros predicados não me reconhecia para semelhante preferência, tornou em mim obsessora a ideia da construção de sede própria com condições adequadas para uma larguíssima propaganda espírita, moral e cultural, em moldes modernos, com atractivos que justificassem a preferência do público alheio aos altos problemas do destino humano, para assim se ir gradualmente integrando nos nossos princípios.

Revejo os esboços de projecto que elaborei – mais tarde aprovado pela F.E.P. – e para os quais pedi particularmente orçamento a um engenheiro francês que se propunha, há pouco instalado no nosso país, a fazer construções muito económicas.

Relembro ainda o preço baratíssimo recebido, que me decidiu a apresentar em 8 de Agosto de 1928 a proposta para a construção de sede própria, a qual foi patrocinada em princípios pela Direcção e modificada ali apenas em parte nos projectados meios de realização, que se lhe afiguraram extremamente ousados, como

produto dum exaltado entusiasmo. Entretanto manteve essa proposta na íntegra, apresentando-a na sessão imediata do Conselho Superior Deliberativo, onde foi admitida e registada, ficando em suspenso por falta de oportunidade. Das receitas que previa da aplicação criteriosa do salão de conferências, propunha que se applicasse um terço a obras de solidariedade, outro terço para mandar vir do estrangeiro médiuns de notáveis e reconhecidas faculdades que agitassem e consolidassem a propaganda e o restante terço para a amortização dum possível empréstimo a contrair para a construção.

Previa-se então que a subscrição rendesse apenas 150 contos! Aberta porém a subscrição pelo sr. Dr. António J. Freire com um valioso donativo, notou-se imediatamente o seu êxito porque outros donativos, tanto e mais valiosos, se vieram juntar ao primeiro, subscritos, entre outros, pelos dedicadíssimos espíritas srs. Aires Vaz Raposo, António J. da Fonseca Moreira e pelo grande benemérito do Espiritismo Português, sr. Firmino da Assunção Teixeira. A par destes donativos valiosos, muitos nos foram entregues que, sendo pequenos, representaram um esforço enorme dos dedicados confrades que os subscreveram, merecendo a nossa profunda gratidão. O êxito crescente da subscrição incitava-nos a escrever a todos pedindo auxílio, que era prestado com generosa solicitude e algumas vezes, anonimamente, com quantiasas somas.

E verificada a possibilidade de metermos mãos à obra, adquiriu-se logo com os fundos da F.E.P. um terreno na R. Almeida Brandão, que foi julgado bom para o fim em vista.

O projecto foi imediatamente elaborado pelo sr. Guilherme Gomes, depois de ter sido escolhido pelo C. S. D. da F.E.P. entre mais dois, o seu anteprojecto de fachada. Apresentado

à Câmara Municipal de Lisboa, e como o impunha o regulamento das construções, à Inspeção Geral de Teatros, por ter uma sala de grande lotação, longos meses decorreram sem se obter a licença para construir. Nesta altura urge arranjar o dinheiro por empréstimo nas melhores condições e às cartas expedidas neste sentido vieram respostas animadoras, distinguindo-se sempre pela espontânea generosidade e grandeza de alma, o benemérito amigo da F.E.P., sr. Firmino da Assunção Teixeira, que transformou dentro em pouco um empréstimo de 60 contos feito sem juros, num valioso donativo.

Após esta jornada brilhante uma nuvem apareceu no horizonte obscurecendo-o e parecendo perturbar a sequência natural do movimento tão auspiciosamente iniciado. E perturbaria de facto? Engano. Foi um mal necessário de que resultou um bem maior. O plano a realizar estava sendo conduzido e muito bem, pelos elevados Espíritos que o conceberam, sendo cada um de nós apenas um mero instrumento quase inconsciente, apesar das nossas prosápias, dos desígnios desses Guias. Se ele mal aparente não tivesse sucedido estaria a sede da F.E.P. construída em local e segundo condições técnicas que se não podem comparar com as da sede actualmente construída.

Considero que isto se deu apenas a fim de demorar o tempo preciso para aparecer o terreno central onde convinha que a sede da F.E.P. fosse erigida e para que quem estava possuído e dominado pela ideia inspirada e havia de vir a ser encarregado de dirigir a construção, adquirisse a experiência necessária nesses trabalhos para poder levá-los a cabo em condições satisfatórias e nos moldes mais modernos e sólidos. Esse obstáculo passageiro constituiu ao mesmo tempo um grande ensinamento para todos, que precisamos aprender a dominar os nossos defeitos, visto que pretendemos ser espíritas.

Bendigamos, pois, essa lição!

Tudo porém se encaminhou na altura própria e com o concurso de todos, porque a obra de todos é.

Comprou-se – muito caro, é certo – o terreno da R. da Palma, que era o único que convinha pela sua esplêndida situação, para se iniciar imediatamente a construção do edifício. Neste intervalo de tempo teve a F.E.P. a fatalidade de perder o seu benemérito amigo, sr. Firmino da Assunção Teixeira, com cujo abnegado auxílio contava para triunfar da empresa. Todavia, ele não se esqueceu até ao fim da vida da F.E.P., pois lhe legou uma parte muito importante da sua avultada fortuna.

O primitivo projecto adaptou-se ao terreno comprado e apresentou-se na Câmara e na Inspeção onde é aprovado em 3 meses com pequenas alterações da fachada, projectada pelo sr. Architecto Hermínio de Barros.

Compare-se o tempo em que o *projecto que tinha que ser executado no local escolhido* foi aprovado, e aquele que levou o primitivo projecto a aprovar! Este esteve retido mais de dois anos nas Repartições da Câmara! É que as influências espirituais incidiam constantemente nos vivos para executarem o plano estabelecido com urgência, para assim se ganhar o tempo perdido!

A obra iniciada em breve porém consumia o capital existente. E não se podendo parar, havia que arranjar os meios necessários para que a construção prosseguisse. E surge então o auxílio boníssimo, *espontaneamente oferecido*, de alguém que, sem que houvesse razões aparentes que justificassem tamanha confiança, se dispõe a facilitar, por si e pelos seus amigos, todo o capital

necessário para que a construção prosseguisse ininterruptamente, sem que se tivesse recebido um centavo sequer do legado de Firmino Teixeira.

E esse alguém, o meu bom amigo, Sr. Torquato Pardal Monteiro, que é materialista e não deseja sequer abordar qualquer leitura espiritista, por entender que a influência dessa leitura poderia modificar a sua visão imparcial das coisas, foi todavia tocado, devido à grande elevação e bondade do seu espírito, pela influência dos Guias Espirituais da F.E.P., que não pela minha, para a consecução dos fins pré estabelecidos, podendo assim a F.E.P. concluir-se como se recursos próprios já houvesse para a levar a cabo.

E os embates que o esforço titânico da construção determinou, serviram para pôr à prova a persistência e tenacidade dos que meteram ombros a tamanha empresa, expurgando o seu espírito de imperfeições e dando-lhes maior calma e ponderação.

Em dado momento, sendo indispensável um concurso mais intenso de todos para efectivar, no novo ciclo de existência da F.E.P., o formidável programa de propaganda espírita, moral e cultural planeado, ouve-se, longínquo, como um eco do mundo espiritual o toque de reunir. E todos são tocados pelas virtudes sublimes da humildade e da caridade, pronto a sacrificar tudo pelo bem da Causa, decididos a colaborar fraternalmente nos seus progressos, sob a égide da F.E.P..

Meditando esta grande lição, vemos claramente que tudo está superiormente organizado e tem as mais fundas raízes no mundo espiritual, não passando os homens, sem desprimor para quem quer que seja, de títeres movidos por cordelinhos invisíveis para a

consecução de fins superiormente elevados e sabiamente pré estabelecidos.

Bendigamos, pois, os elevados Espíritos que nos inspiram, esforçando-nos, sem nos envaidecermos, por merecer a bendita esmola de sermos por Eles utilizados para a consecução do Bem comum e sejamos todos **irmãos** para doravante produzirmos a obra formidável que urge executar imediatamente.

Vão reunir-se no dia 1 de Janeiro, universalmente consagrado à fraternidade, todos os espíritas portugueses sócios da F.E.P., residentes em Lisboa. Esta festa de confraternização, a realizar no salão de conferências da nova sede, vai por certo marcar uma nova fase de progressos gigantescos da Federação Espírita Portuguesa.

Por que singular coincidência se encontrará a ornamentar este salão uma grande e linda tela representando Cristo, com uma fisionomia serena e firme, a dizer aos lapidadores que se propunham apedrejar a mulher adúltera, que lhe atire a primeira pedra a aquele que estiver isento de pecado?

Certamente para que a tolerância mútua reine sempre nos nossos corações, permitindo uma colaboração fraterna e profícua na obra grandiosa a realizar, que é de todos, e para a qual todos são necessários.

### ***PEDRO CARDIA***

(In REVISTA DE ESPIRITISMO da Federação Espírita Portuguesa, de Novembro/Dezembro de 1933. Recordamos, agora, que esta ‘Sede’ é um dos bens da FEP que os Espíritas lutam, desde o 25 de Abril, para que lhe seja devolvida, continuando o processo ainda a decorrer; conjuntamente com a sede, foi pedida a



devolução de todos os bens arroteados na época em que foi fechada a Federação, em 1953, e que não nos foram ainda entregues, e de que constavam, entre outros, edições raras porque 1<sup>as</sup> edições de obras espíritas, pinturas originais... todo um património que o Governo de então ‘espalhou’ por aqui e ali e teima em duvidar que a ele tenhamos direito! Entretanto, e nas mesmas circunstâncias, de há muito foram entregues aos requerentes os bens dos Maçons, e de todas as demais Confrarias encerradas pelo então Estado Novo... Esperemos (continuamos a esperar) que as ideias democráticas cheguem, também, a quem de direito para que sejamos olhados da mesma maneira que todos os outros e possamos, finalmente, tomar posse daquilo que, não só moralmente como por direito próprio, nos pertence).

*M. V.*



## **PARE! ESCUTE! OLHE!**

A advertência que se encontra visível em todas as passagens de nível sem guarda, deveria ser uma costante em nós na época actual, dadas as vezes que nos vão chegando as notícias mais díspares dos acontecimentos geofísicos sofridos em qualquer parte do mundo: não há um país que tenha ficado isolado dessas tragédias e, até no nosso, onde as intempéries foram sempre calmas, de há uns anos a esta parte começaram a acontecer os tufões, espalhados de norte a sul de Portugal, e as trombas de água, graças a Deus momentâneas, verificadas aqui e ali.

Os terremotos, como os abalos sísmicos, têm surgido com uma intensidade sempre maior, não se limitando a acontecer num só continente, mas espalhando-se por vários e, na última semana, os vulcões em actividade na Islândia, que obrigaram a suspensão da maior parte do tráfego aéreo na Europa, fazem lembrar ao Homem que quem comanda a natureza não somos nós mas o mesmo que a criou e continua a fazê-lo continuamente: DEUS!

Não interessa que a minoria ou a maioria afirmem não acreditar na Sua existência: Ele existe, é o Criador de tudo e de todos, e é Ele ainda que “vai mexendo os cordelinhos” sempre que o homem age provocando excessos e há necessidade de ser reequilibrado o que a nossa irresponsabilidade desequilibrou.

Por outro lado, não nos podemos esquecer – nesta fase da Humanidade terrena – que a Terra (planeta) está a sofrer as consequências de uma transformação que se lhe faz necessária para que deixe de ser Mundo de expiação e passe a ser de regeneração. Essa transformação já vem acontecendo desde as últimas décadas do século XX e só mesmo o ‘maior cego’ é que as não consegue ver e reconhecer!

Olhando à nossa volta, e observando as transformações acontecidas, uma questão se nos impõe de imediato: “será que o meu comportamento me faz merecer continuar a reencarnar na Terra?” A resposta encontramos-la em nós próprios, se quisermos ser honestos e sinceros... e as calamidades que vemos quase que diariamente acontecerem à nossa volta são outros tantos alertas para uma conduta que julgamos certa mas talvez não o seja assim tanto!

Há distância de mais de dois mil anos da estadia de Jesus na Terra e das suas curas a outros tantos doentes (seríamos nós um

deles?) não podemos ficar indiferentes, ante a nossa irresponsabilidade, ao comentário do Espírito Emmanuel, no capítulo 79 do livro “Caminho, Verdade e Vida”, quando afirma:

*(...) E os prodígios ocultos, operados no silêncio do seu amor infinito, são maiores que os verificados em Jerusalém e na Galileia, porquanto os cegos e leprosos curados, segundo as narrativas apostólicas, voltaram mais tarde a enfermar e a morrer.* (O destaque é nosso).

Aquilo que o Amor de Jesus não conseguiu, aquilo que o Tempo não desbastou nem venceu, é agora conseguido mediante as catástrofes que vão acontecendo: é que o Homem, criança crescida sempre a esquecer a lição ontem aprendida e vivenciada, só desperta face ao sofrimento que lhe bata à porta da Alma... e é e será ainda pelo sofrimento que nos iremos derimindo, despertando e modificando! E Deus, que não castiga mas nos vai dando as oportunidades renovadas necessárias ao nosso aperfeiçoamento, faz com que elas surjam no momento próprio porque Ele continua a saber, Hoje como Ontem ou como Amanhã, aquilo que sempre nos é mais necessário!

**MANUELA**

## **A QUEDA DO ESPÍRITO**

Na pergunta 249 do livro mediúnico ‘O Consolador’, ditado pelo Espírito Emmanuel e psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, lemos:

P 249 - A queda do Espírito somente se verifica na Terra?

R: - A Terra é um plano de vida e de evolução como outro qualquer, e, nas esferas mais variadas, a alma pode cair, em sua rota evolutiva, porquanto precisamos compreender que a sede de todos os sentimentos bons ou maus, superiores ou indignos, reside no âmago do espírito imperecível e não na carne que se apodrecerá com o tempo.

P 250 – Como se processa a provação colectiva?

R: - Na provação colectiva verifica-se a convocação dos Espíritos encarnados, participantes do mesmo débito, com referência ao passado delituoso e obscuro.

O mecanismo da justiça, na lei das compensações, funciona então espontaneamente, através dos propostos do Cristo, que convocam os comparsas na dívida do pretérito para os resgates em comum, razão porque, muitas vezes, intitulais “doloroso acaso” às circunstâncias que reúnem as criaturas mais díspares no mesmo acidente, que lhes ocasiona a morte do corpo físico ou as mais variadas mutilações, no quadro dos seus compromissos individuais.

### *EMMANUEL*

(In: O CONSOLADOR, 2ª parte, sub-capítulo Evolução – Provação. Psicografia do médium Francisco C. Xavier).

